

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.^o 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Acta da sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.....	Pag. 49
Elogio historico de S. M. El-Rei D. Fernando II pelo ex. ^{mo} sr. MARQUEZ DE VALLADA.....	» 51
Bibliographia.....	» 63
Chronica da Nossa Associação.....	» 64
Noticiario.....	» 64

SESSÃO SOLEMNE

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Em 24 de outubro de 1886

Sob a presidencia de Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, teve lugar esta sessão solemne, a fim de ser lido pelo socio effectivo, sr. marquez de Vallada, o elogio historico do fallecido Presidente Honorario e Protector da Real Associação, o Senhor D. Fernando II, de saudosa e honrada memoria.

A's 2 horas e um quarto da tarde, abriu Sua Alteza a sessão, tendo á direita o seu secretario particular sr. conde de S. Mamede, e á esquerda o seu ajudante de campo, sr. tenente-coronel de infantaria Novaes Sequeira.

N'um estrado proximo, e á esquerda do que fôra occupado por Sua Alteza e pessoas da sua côrte, tomaram assento os srs: Possidonio da Silva, presidente effectivo; Zephyrino Brandão, servindo de secretario; visconde de S. Januario, ministro da guerra e vice-presidente d'Associação, e o general Sousa Pinto, ajudante de campo d'El-Rei. Em frente da mesa da presidencia, no lugar que lhe fôra reservado, estava o sr. marquez de Vallada.

Aberta a sessão, communicou o socio servindo de secretario, que mandaram desculpa por não poderem comparecer os srs: Bispo de Beja, visconde de Castilho,

visconde de Valmôr, conde das Alcaçovas, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, Joaquim Conceição Gomes, o coronel d'Estado-maior João Pedro Tavares Trigueiros, conde de Seisal, José Maria Caggiani, Francisco Gomes d'Amorim, presidente do conselho de ministros José Luciano de Castro, governador civil de Lisboa, Martinho Tenreiro, beneficiado Almeida, tenente-coronel Valladas, Licínio Silva; e os srs. ministros da Grã-Bretanha e da Belgica, n'esta côrte, que tinham sido especialmente convidados como representantes dos Estados, cujos soberanos são dos mais proximos parentes do finado Rei o Senhor D. Fernando II.

Terminado o expediente, foi por Sua Alteza concedida a palavra ao sr. Marquez de Vallada, que leu o panegyrico abaixo transcripto, parecendo haver inspirado a leitura d'este erudito trabalho o mais vivo interesse da assembléa, que a escutou com religiosa attenção.

A esta solemnidade, a todos os respeitos digna de ser commemorada, assistiu o Serenissimo Principe D. Carlos com o collar da Associação e as insignias de cavalleiro da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito.

Sua Alteza Real encerrou a sessão ás tres e meia horas da tarde, e foi acompanhado até á carruagem pelos membros da mesa da Associação, bem como pelos socios presentes, que o tinham egualmente esperado á entrada do museu.

Mostrou-se Sua Alteza, o illustrado e sympathico Principe, muito satisfeito, dando assim mais uma prova evidente da protecção, que se digna dispensar á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, a qual se honra de ser já devedora a Sua Alteza Real dos serviços mais relevantes por Sua Alteza prestados.

Estiveram tambem presentes a esta sessão os seguintes socios:

Conselheiro Diogo Antonio Palmeiro Pinto, Visconde de Juromenha, D. Frederico de Bojas, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Augusto Duvall Telles, Commendador Eduardo Jayme Carvalho e Silva, Manuel Antonio Vidal, Francisco Xavier Marques, Joaquim Maria Victor Senior, Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Valentim José Correia, general Antonio Pedro d'Azevedo, Visconde da Torre da Murta, Eduardo Augusto da Rocha Dias, Commendador Cypriano Costa Goodolphim, Commendador José da Cunha Porto, Pedro Wenceslau Brito Aranha, Ernesto da Silva, Commendador Antonio Pinto Bastos, Antonio Pimentel Maldonado, Julio Carlos Mardel d'Arriaga, Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa.

BOLETIM

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes



Sua Magestade El-Rei D. Fernando

PROTECTOR E PRESIDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ESTAMPA N.º 76

ELOGIO HISTORICO

De Sua Magestade El-Rei

D. FERNANDO II

Lido pelo socio effectivo o Ex.^{mo} Sr. Marquez de Vallada

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS :



AO venho hoje perante vós e em occasião tão solemne depor uma corôa de lisonja sobre um sepulchro respeitavel.

Não é no templo da sciencia e perante tão eximios cultores d'ella que se ergue impunemente o thurybulo da lisonja, profanação tremenda em templo tão augusto, desacato mofino, que provocaria da vossa parte castigo exemplar e censura merecida. E a minha voz que nunca se profanou com a mentira, virá hoje sómente prestar culto á verdade e preito á justiça. E, felizmente, posso affirmar-vos que jámais me arredei d'esta senda, por quanto me foi dado consagrar os primeiros sons da minha voz á defeza da minha fé.

E, em verdade, em um seculo no qual, a par das mais brilhantes conquistas no campo das sciencias, campêa altivo e audaz o egoismo mais cynico e o materialismo mais desenfreado, em uma epocha, digamol-o com desassombro, porque o diremos com verdade, em que o despotismo do facto parecé querer supplantar a santidade do direito, ou, o que é o mesmo, em que o direito da força quer substituir a força do direito, é a meu ver um serviço que se presta á sociedade combatida por tão ruins paixões, o apresentar-lhe modelos de virtudes preclaras e de sciencia provada do que é verdadeiro, do que é util, do que é justo, do que é bom e do que é bello; e direi que o apresentar taes modelos equivale a desenrolar um estandarte que, pela sympathia que a sua divisa desperta, entusiasma as multidões, inflammando-lhes os espiritos com o fogo sagrado do amor do dever e da propagação da verdade.

Honrado, pois, com a escolha que esta illustre Associação Real ou, para melhor dizer, Academia Real dos Architectos Civis e Archeologos, fez da minha pessoa para recitar em publica assembléa, e solemnissima, porque a ella preside Vossa Alteza Real, o elogio do nosso preclaro Presidente El-Rei o Senhor D. Fernando II de saudosissima memoria, augusto avô de Vossa Alteza Real, principe de egregias prendas, de sublimes virtudes e de levantado character, eu para obedecer aos desejos, que para mim são ordens, dos meus illustres consocios, apezar de reconhecer a debilidade das minhas forças, procurarei desempenhar-me de tão levantado encargo.

Horacio, poeta eximio, cuja elevação de pensamentos eguala a finura da critica, disse, na altura da sua linguagem, aos escriptores :

*«Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
«Viribus, et versate diu, quid ferre recuset,
«Quid valeant humeri.»*

Na humildade da minha linguagem, direi: que se as forças poderiam faltar-me, attenta a sublimidade da materia, alenta-me comtudo a benevolencia dos meus illustres consocios e mais que tudo, e sobre tudo, o sentimento de gratidão á memoria do illustre Principe que tanto me distinguio em vida com sua real benevolencia; e ainda que é principio certo de que se deve escrever a historia sem que o odio inspire ou o affecto illuda, eu confesso que, escrevendo sobre a vida e acções d'El-Rei o Senhor D. Fernando II, decerto escrevo sem odio, mas não sem affecto, porque não está na minha mão deixar de amar a virtude.

Alem de tudo honrou-me o illustre Principe em repetidas praticas, o que me deu occasião não só a avaliar os seus variados conhecimentos, mas a apreciar a rectidão do seu espirito e a elevação do seu character; direi mais que poudes avaliar-o quando mesmo se não põe no tracto tamanho esmero.

Avaliam-se os sujeitos ou pelas grandes emprezas do genio ou pelos vãos sublimes do talento de que resultaram os grandes commettimentos que a historia dos povos registra e que a consciencia publica applaude.

As grandes virtudes, as grandes acções, os actos de prudencia e de politico precate, são o assumpto dos diversos panegyricos e o thema que os historiadores e os biographos com maior ou menor eloquencia desenvolvem em seus arrazoados.

Possue um individuo, uma virtude em sublime grau; é, pois, esse o thema para o seu elogio; se esse individuo, porém, se excedeu em merito em diversas situações, e importantes, ou, o que é o mesmo, se patenteou subido engenho em diversas aptidões ou demonstrou em diferentes empenhos raro aviso e precate maior, em taes casos deve ser mais complexo o elogio por quanto debaixo de varios pontos de vista tem de ser julgados seus procedimentos e a boa critica tem de exercer-se sobre complexos e variados assumptos.

Assim, pois, como a divisão dos poderes na ordem constitucional dos estados é uma das bellezas da moderna civilisação administrativa, assim na ordem do discurso a divisão das materias é uma necessidade imperiosa para a boa intelligencia e melhor clareza dos assumptos. Bem ponderado, pois, o proposito que nos occupa em quanto á sua gravidade e altura, parece-nos conveniente adoptar um processo accommodado a todas as boas regras litterarias e subordinado aos preceitos que a razão pura e a razão pratica dictam e que o sentimento dos bem avisados e doutos sanciona e confirma.

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS :

Foi a vida do nosso sempre lembrado e augustó Presidente bem accidentada na ordem politica como magistrado supremo na qualidade de Regente do Reino. Temos, pois, de o avaliar como Rei na ordem politica. Chefe de numerosa familia, temos de o avaliar na ordem domestica, respeitando, comtudo, todos os melindres e guardando todas as deferencias que a boa educação jámais pretere nos delicadissimos pontos de vida particular e domestica. Temos ainda de avaliar o nosso augustó Presidente debaixo do ponto de vista litterario e artistico, e com um generoso accrescentamento: como protector dos artistas e dos operarios ou, o que é o mesmo, como amigo do povo e como protector do trabalho.

O Augustissimo Senhor Dom Fernando Augusto Francisco Antonio, Duque de Saxe Coburg Gotha, nasceu na capital d'este principado aos 29 do mez de outubro de 1816, sendo seu pae o Duque Fernando de Saxe Coburg Gotha e sua mãe a Duqueza Antonia de Roarg.

E' a casa de Coburg tão esclarecida pela antiguidade que conta, como por os feitos generosos de seus representantes e assim o attestam as velhas chronicas da Allemanha inscrevendo com aureos caracteres em seus annaes, as brilhantes acções que foram outros tantos incentivos á virtude, que os ascendentes do nosso Principe lhe legaram em seus testamentos de gloria. Pouco ou nada vale aos olhos de uma razão esclarecida uma ascendencia generosa, se os que d'ella vem a não igualam

ou imitam no merito e na virtude; mas ninguém ousará contestar que se os que vem de nobilissima estirpe, e, não sómente a não deslustram por seus procedimentos, porém movidos de tão nobres incentivos, procuram com o proprio esforço e honrado trabalho e acções tornar-se dignos do nome illustre que herdaram com o sangue; ninguém, repito, ousará negar que o proprio merito muito se esclarece e esmalta com o luzimento da linhagem.

Deram os antigos rhetoricos certas regras que ficaram inscriptas como preceitos nos compendios mais conceituados d'esta arte, e n'elles encontramos a divisão dos estylos com as notas explicativas dos fins a que são adequados e se porventura, e com effeito, um dos fins do orador ou do escriptor é deleitar os que o ouvem ou que o leem, a utilidade do conselho ou do conceito é o mais nobre fim a que deve attingir o que falla ou o que escreve, pois que a orthodoxia da doutrina, a persuasão ao bem e a utilidade para o individuo ou para o estado, para o bem da familia ou da republica, deve ser a mira a que tenda quem escreve ou quem falla e n'este proposito deve pôr esmero grande e empenho maior.

O grande Horacio, o eximio auctor de tantos preceitos uteis e cujos altos conceitos nunca cessaremos de encarecer e exaltar, bem o ponderou no seu elevado pensar, quando proferiu aquella elevada sentença que é ao mesmo tempo uma apreciação justa e um conceito salutar: «*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*» e com não menos propriedade ponderou Plinio, o Moço, dizendo: «*Equidem beatos puto quibus Deorum munere datum est aut facere scribenda aut legenda scribere; beatissimos vero quibus utrumque.*»

Esplendida sentença é esta que acabamos de citar de Plinio, o Moço, em que julga dignos e bemaventurados no empenho aquelles que praticam actos dignos de serem escriptos ou que escrevem conceitos dignos de serem lidos e sobretudo os que juntam um a outro feito. Associarei aos dois genios a que me socorro o que outro luminar proferiu e nem mais nem menos do que Lucano fallando de Catão; não podemos resistir a mais este valioso patrocínio que vem tão de molde para robustecer a nossa opinião: «*Non sibi sed toti gentum se credere mundo.*»

E com o illustre Lucano completaremos este triumpho esclarecido!!

Espalhar flores sobre o tumulto dos que passaram é uma doce consolação para os que ficam; apresentar, porém, ás gerações que nos succedem exemplares magnificos de virtudes ingentes e de merecimentos preclaros, parece-nos empenho de mais subida valia, porque é proposito da mais geral utilidade. Sujeitam-se ás vezes os oradores ás criticas desdenhosas dos Zoilos de contrabando ou dos Aristarchos de convenção; se o poder, porém, da inveja ou da insanía é grande, é maior a força da verdade. Não é, pois, para obtermos applauso vão ou elogio passageiro que os nossos esforços devem ser empregados, mas, para sermos uteis á sociedade, devem convergir todas as nossas atenções. Mais uma ponderação que presumo não será vão conceito.

Vae um critico ouvir um discurso para ouvir elegancias e só em um trocadilho que se fez todo se enleva. Vae o satyrico a ouvir os piques e só com uma historia a que se alludiu todo se recreia. Vae o poeta a ouvir descripções e só com uma flor que se pintou, todo se entretém. Vae o curioso a ouvir novidades e só com um assumpto novo que se inventou todo se occupa. Vae o discreto a ouvir conceitos e só em uma agudeza que se descobriu todo se applica.

E entretanto o que é de mais superior alento, de maior folego porque é de verdadeira utilidade, passa despercebido e sem reparo: é a doutrina, é o exemplo, é o que persuade, é o que civilisa, é o que instrue, é o que aproveita.

Escrever pois sobre o homem que em elevado estadio por seus meritos deixou apoz si um rasto de gloria que illumina a par de nobres incitamentos que aproveitam e prestam, é serviço grande e de utilidade maior que se presta á sociedade, ao povo e á patria; é, porém, não só conveniente, mas necessario para geral aproveitamento, que o escriptor sobre assumpto tal e tão importante se não limite e circumscreva á simples, futil e aliás facil, mas inutil tarefa de chronista de factos sem que adequado commentario acompanhe a narração para que á publicação dos factos corresponda o apparato dos principios que instruem, dos commentarios que esclarecem, das comparações que utilizam e da critica e da hermeneutica que tanto aproveitam e servem. As grandes acções explicadas devidamente permanecem na historia dos povos como facho brilhante que illumina ás gerações que passam e se succedem para as illustrar ou como livro immorredouro ou como cathecismo permanente para guiar os homens n'essa peregrinação atravez os seculos.

Reproduzimos a idéa generosa escripta em palavras sublimes por um dos mais abalizados criticos da antiguidade erudita. E' Tacito escrevendo de Agricola, e nós, seja-nos permittido fazer applicação das palavras que Tacito escreveu a respeito de Agricola ao assumpto que nos occupa e ao sujeito de que tratamos: o augusto Principe, nosso antigo Presidente: *Quotquod ex Agricola vidimus, quotquod ex Agricola amavimus, manet mansurumque in æternitate temporum.*» Que as nossas palavras sinceras e conscienciosas possam produzir nos animos beneficio salutar e despertar nobres incentivos no caminho do bem, é o voto mais sincero que o nosso animo de patriota fórma e a que a nossa ambição de escriptor aspira.

Deixámos pois consigna já a data do nascimento do nosso Presidente, os nomes de seus nobilissimos paes e a clara ascendencia, de que vem. Prosigamos agora na historia da sua vida, no commentario dos seus feitos e no merecido elogio de suas acções nobilissimas debaixo dos diversos pontos de vista que já deixámos apontados e nas differentes situações em que temos de consideral-o.

Teve o Senhor D. Fernando a fortuna de nascer de honrados e disvellados paes, que nem um instante perderam porque bem cedo principiaram a aproveitar a indole privilegiada a par de precoces talentos do filho para que juntamente com elevada instrucção e educação finissima baseada nos principios da sã moral christã e nas maximas que formam o crente e o cavalheiro, podésse, com o aproveitamento de felizes disposições, desenvolver n'aquelle joven espirito aquellas grandes aptidões que mais tarde a todas as luzes se patentearam no Rei, no Chefe de familia, no artista e no patriota. É a familia de Coburg conhecida no mundo illustrado como frondosa arvore cujos ramos se teem expandido por paizes diversos da Europa culta, produzindo fructos generosos no campo da prudente politica das nações, com geral applauso dos bem avisados. A esta familia pertenceu o grande Leopoldo, primeiro Rei dos Belgas, homem de raro aviso e de singular precate. Chamado em circumstancias gravissimas para pacificar um povo e para radicar uma nacionalidade ciosa dos seus fóros, este illustrado espirito tão bem desempenhou a sua missão que, grangeando o publico applauso, grangeou com elle o titulo de mestre dos monarchas. Este chefe supremo de um paiz por elle regenerado era irmão do pae do nosso chorado Presidente. A actual Rainha de Inglaterra, prima co-irmã do Principe, com a sua prudencia, herança ou, o que é o mesmo, preciosa joia de familia, governa e domina o povo mais liberal do mundo, produzindo a admiração de todos. Viuva de um Principe da mesma familia, o Principe Alberto, que tanta e, diremos mesmo, tão geral sympathia grangeou, na Inglaterra. Estremoso marido e prudente conselheiro da Esposa, tão bem conhecia o terreno do paiz que adoptara, o seu espirito tradicionalmente liberal, os seus melindres, que jámais se lhe notou desvio na subida linha de conducta que, desde que entrou n'aquelle grande reino, jámais deixou de seguir.

A nobre Duqueza de Reut, mãe da Rainha Victoria, deveria ser collocada na galeria das mulheres celebres como heroína na educação.

Poderíamos dizer mais e muito mais, mas basta o referido como prova de que a familia Coburg sobrees nos tempos que passam, como em mais remotas eras, pela sabedoria do seu proceder e por tantos dotes do espirito e do coração.

Em geral a educação nos castellos dos Principes na Allemanha é generosa e n'ella se preparam e tem preparado os grandes modelos dos grandes guerreiros, dos grandes pensadores e dos finos politicos. Como poderia, pois, degenerar o Senhor D. Fernando II, ramo de tão benefica arvore, generoso fructo de tão sabia cultura!?

Recebeu, pois, o joven principe aquella educação classica que na Allemanha não só é particular aos Principes e ás classes superiores, mas de que tanto têm aproveitado os homens em todas as ordens sociaes que tanto têm illustrado a sua terra e muitos quasi divinizado o seu nome. No estudo das humanidades encontrou o Principe prazer grande, no estudo das artes encontrou prazer maior. Nunca se apagaram essas luzes que o estudo dos classicos latinos e gregos lhe accendera no espirito.

Ao enthusiasmo pelas boas lettras veio juntar-se o amor das boas artes.

A pintura e a gravura foram para elle favorito estudo, e a tal ponto levou o seu amor por estas artes que do seu pincel distincto dão testemuho as vistas do Castello da Pena por S. M. pintadas em duas sobreportas de uma salla reservada da Senhora D. Maria II no Real Paço das Necessidades.

Fôra o Augusto Principe passar algum tempo ás Caldas da Rainha; ahi se lhe despertou o desejo de emprender a pintura de ornato em pratos de louça e, tendo-lhe agradado o ensaio, deixou uma collecção de cem objectos pintados, constando de pratos, vasos e placas, pinturas que, por o primor e esmero, demonstram superior engenho. As suas iniciaes com que firmou estes objectos, são um acrescentamento ao enthusiasmo com que iniciara o trabalho. Mais tarde, e como prova da real consideração para comigo, convidou-me o Senhor D. Fernando a entrar no seu gabinete de trabalho, no Paço das Necessidades e a assistir á pintura de alguns pratos, em que estava empenhado, no genero oriental. S. M., ao mesmo tempo que proseguia no trabalho que tanto o entretinha, principiou uma larga conversação comigo sobre a arte ceramica. Descançava de quando em quando e então mais a conversação se animava, fazendo a comparação dos trabalhos das diversas fabricas de louças que tanto illustraram a Allemanha principalmente, e n'este ponto foi mais demorada a conversação, passando depois uma larga revista sobre as celebres fabricas de Sèvres e do duque d'Angoulême em França, de Cepo di Monte em Italia, demorando-se S. M. largamente com a analyse da fabricação dos Saxos de Coróa e dos de Espadas, e da notavel Imperial fabrica de Vienna.

Era o Rei perito na arte da gravura que tanto cultivou, chegando a ajuntar basta collecção de estampas que só por si formam bem provido museu. Não era o Rei menos apaixonado da pintura; deixou do seu engenho sobejas provas que sem duvida merecem singular louvor. A musica enlevava aquelle animo d'artista ao mais subido grau. Durante a epocha de verão que o illustrado Principe passava no Castello da Pena, objecto de todos os seus enlevos, havia em cada semana um dia

destinado á musica e então era certo alli o eximio professor portuguez Manoel Innocencio dos Santos, que ao mesmo tempo é distincto artista e honrado cidadão, e n'esses dias ora acompanhando o Rei ao piano, ora quer no piano quer no harmonium executando as mais agradaveis harmonias. E' notavel que a casa de Bragança, a que El-Rei se ligou por seu casamento, é egualmente entusiasta da musica. Quando o distincto professor ia a Cintra, destinava um dia para o Paço da Pena e outro para o Paço da virtuosa e sempre lembrada princeza D. Izabel Maria. Ahi se entretinha o notavel professor, ora tambem acompanhando, ora elle só encantando os ouvintes com as suas agradaveis melodias, quer no piano, quer na harpa. O nosso actual Monarcha, herdeiro das virtudes e engenho de seu pae e de sua mãe, partilha do enthusiasmo pela arte que seus ascendentes, principalmente depois de D. João IV com relação á arte de musica, têm invariavelmente patenteado e d'ahi vem a protecção que esta Real Familia tem desde antigos tempos dispensado aos artistas.

O amor que o Senhor D. Fernando consagrava á arte, produzia n'elle outro sentimento superiormente generoso: a protecção dispensada aos artistas e aos operarios, a dedicação com que sempre se apresentou, promovendo os melhoramentos na arte nacional e o desenvolvimento do ensino artistico e industrial, quer auxiliando os artistas, quer auxiliando as empresas. Exemplifiquemos.

Havia no partido dos operarios da Casa Real dois officiaes, sendo um marceneiro e outro carpinteiro de bastante habilidade. O Senhor D. Fernando aconselhou o marceneiro para que fizesse um contador de pau santo segundo a phantasia lhe inspirasse, afim de figurar na exposição universal de Londres em 1859. O operario obedeceu á lembrança do Principe apresentando um bello trabalho que muito agradou; e como as testeiras das gavetas devessem ser cobertas de marfim, o generoso Principe, amigo do povo e da arte, gravou com agua forte lindas composições de grupos de animaes obtendo o protegido operario por o primor da sua obra, a que o Rei fraternalmente e patrioticamente se associára, uma medalha n'essa exposição. Chamava-se o operario João Caula.

O habil carpinteiro Francisco Anacleto foi encarregado por Sua Magestade o Senhor D. Fernando para tirar o modelo em madeira de um cavallo que o Augusto Principe tinha em superior estimação. Hesitando, porém, o operario ante as difficuldades da execução, animou-o o Senhor D. Fernando que o ajudaria com os seus conselhos para a execução d'aquelle trabalho. Não sabia o operario o desenho e como julgasse impossivel modelar o cavallo na acção de andar, a condescendencia e bondade do Senhor D. Fernando estendeu-se ao ponto de lhe fazer o desenho do cavallo na posição devida. Esta obra é conhecida de todos que eram recebidos por o Senhor D. Fernando, pois que estava a todos patente na primeira salla do Paço das Necessidades. Este esforço de engenho do bom operario inspirou ao Senhor D. Fernando mais outra boa obra e foi o encarregal-o de construir para seu filho o actual Rei D. Luiz, então Infante, um violoncello e tão bem acabada ficou esta obra que foi approvada por o distincto professor e eximio musico Manoel Innocencio dos Santos e se fez ouvir em um concerto no Paço.

Levou El-Rei o Senhor D. Fernando mais longe a sua bondade com relação a este operario, fazendo estudar medicina ao filho d'elle, generosa e util profissão que hoje exerce, o que deve á protecção do magnanimo Principe.

Tambem aqui recordarei, o que muitos sabem, mas que nem por isso deve deixar de ficar consignado, porque tanto honra o Senhor D. Fernando, e é a protecção por elle concedida a estudantes a fim de irem aos paizes estrangeiros mais cultos estudar e desenvolver os seus talentos nos diversos ramos artisticos. Ainda direi para provar quanto o Senhor D. Fernando desejava sempre concorrer e contribuir para o aperfeiçoamento das Bellas Artes e officios. Citarei, pois, a maneira generosa e digna como Sua Magestade já em adiantado progresso da sua fatal molestia recompensou um operario habil. Tendo comprado duas arcas antigas ornadas com obras de talha, faltando-lhe, porém, bocados, mandou chamar o entalhador Antonio de Almeida para as concertar e quando a obra de restauração se concluiu e o operario se lhe apresentou, perguntou-lhe o Senhor D. Fernando quanto tinha a satisfazer lhe por o seu trabalho. Respondeu-lhe o operario: «O que Vossa Magestade quizer dar.» Ao que acudiu o Principe: «Diga, que eu quero saber quanto é.» Então o operario, obrigado por o preceito de Sua Magestade, disse: «São quinze libras.» Interrompeu-o o Senhor D. Fernando, dizendo-lhe: «Isso é pouco, porque a obra ficou muito perfeita e merece que lhe mande dar trinta libras.»

No celebre e para sempre memoravel Castello da Pena em Cintra dispendeu o Senhor D. Fernando muitas centenas de contos de réis. Ali desenvolveram muitos operarios e artistas distinctos as suas aptidões e os seus talentos. D'ali partiu durante quasi meio seculo a animação, o conforto e o sustento a centenaes de familias que pelo trabalho honrado ganhavam o pão e o ensino. Além de tantos beneficios para os homens de trabalho e de talento, quantas familias desvalidas em Lisboa e na Pena procuravam o allivio a seus males na generosidade e caridade do Senhor D. Fernando! Comprára o Senhor D. Fernando o edificio da Pena em 1836. D'ahi partiu para ir ver o famoso monumento da Batalha que então se achava em estado de adiantada ruina. Tal impressão produziu si-

milhante desleixo no espirito patriótico e artistico do Senhor D. Fernando que logo resolveu empenhar toda a sua influencia para que o governo tratasse de fazer proceder a tão necessaria restauração. A elle se deve, pois, em grande parte mais este bom feito.

Tudo quanto se relacionava com a gloria da patria ou com as glorias da arte animava de generosos enthusiasmos o espirito esclarecido e patriota d'El-Rei D. Fernando, e por isso mais uma vez além de tantas patenteou a sua real munificencia contribuindo todos os annos com uma avultada verba para as obras da Casa Pia, monumento grandioso do grande Rei D. Manoel, padrão sublime de nossas grandezas d'outr'ora e que El-Rei não desejava que fosse transformado em monumento desgraçado de nosso desleixo e incuria.

Tudo que attestasse as nossas antigas glorias prendia docemente todos os generosos affectos do Principe, promovendo a sua conservação no paiz como recordação e incentivo. Achava-se o Senhor D. Fernando de passagem em Roma e ahi lhe fizeram ver um grande retabulo em madeira representando a conquista de Arzila. Não curou do preço que lhe pediam e attendeu só ao assumpto que o interessava; comprou, pois, o quadro e nas Necessidades foi collocado em honrado lugar como o assumpto requeria e ao novo possuidor tanto interessava.

Quando se descobriu a famosa argola de ouro e logo que o Senhor D. Fernando viu a photographia d'ella, pensou em adquiril-a, receioso de que aquella joia se perdesse para Portugal, embora fosse necessario sacrificio a fim de conservar no paiz aquella preciosidade archeologica, unica n'aquelle genero conhecida.

Ora aqui tendes, Senhores, para que serviu e para que servia o dinheiro d'El-Rei o Senhor D. Fernando.

Para animar vocações artisticas, para conservar monumentos patrios, para desenvolver aptidões para as artes e para os officios, para recompensar o trabalho honrado, para enxugar muitas lagrimas, para sustentar muitas familias, para ser util a muitos, sendo benevolo para todos.

Tendo pois de considerar o Rei debaixo de diversos aspectos, como indiquei no principio d'este Discurso, e achando-me em um templo consagrado ás artes, entendi que devia principiar considerando o Rei D. Fernando como artista e como protector das artes.

Dignou-se o excelso Principe acceitar a presidencia de honra e o protectorado d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

Por vezes se dignou S. M. vir pessoalmente de Cintra presidir a sessões solemnes em que se distribuiram medalhas aos socios laureados pelas suas publicações artisticas e archeologicas, apresentando-se sempre trazendo ao collo o distinctivo d'esta nossa Real Associação; e tanto desejou honrar-nos e distinguir-nos que tirou da sua excellente e selecta galeria de escultura o seu busto para ornar a sala das nossas sessões no anno de 1883.

Tendo mandado tirar as photographias das mais preciosas collecções de objectos de prata e de prata dourada do seu admiravel museu do Paço das Necessidades de tudo que fosse sómente obra executada por os ourives portuguezes a fim de figurar na exposição universal de Vienna de Austria, onde causou merecida admiração, teve a extrema delicadeza de offerecer essa mesma collecção para enriquecer o museu da nossa Real Associação, sendo para notar a alta valia d'este real brinde por quanto, havendo apenas tres exemplares d'essas collecções e achando-se um d'elles em poder de S. M. a Rainha da Grã-Bretanha, pertencendo outro ao inventario do Senhor D. Fernando e tendo por essa razão de ser dividido por os herdeiros que nem todos são portuguezes nem vivem no nosso paiz, vem a ficar completo no nosso Portugal este unico exemplar que pertence á nossa Real Associação. Será esta collecção memoria permanente do augusto doador e ficará como monumento grandioso da dedicação que elle consagrava a esta Real Associação e ao mesmo tempo recordação preciosa da arte nacional.

Passaremos agora a considerar o Senhor D. Fernando sob o aspecto de chefe de familia.

A fama que se espalhára das elevadas prendas do Senhor D. Fernando, da sua bondosa indole, esmerada educação esmaltada por brilhante talento; tantos dotes reunidos e acompanhados do elevado conceito que a familia Coburg merecia na Europa monarchica e nas elevadas estações diplomaticas, determinaram a escolha d'este Principe para esposo da Rainha a Senhora D. Maria II de saudosa memoria. Encarregado o conde de Lavradio d'esta negociação, desempenhou-se d'ella como era de esperar de tão experimentado diplomata e notavel estadista. Seguiu-se o tratado matrimonial e é necessario aqui notar que o esclarecido Principe cedeu de tudo que podia caber-lhe em heranças de seus paes, e é bom que se diga e que se saiba que S. M. sómente percebia o que lhe pertencia em Portugal em virtude dos contractos solemnes que se celebraram por occasião do seu consorcio. E em verdade, para quem tudo abandonou e cedeu na patria e na casa paterna, para adoptar esta nova patria, ninguém dirá que, attendendo a todas estas circumstancias e á elevada e importante posição que vinha occupar, S. M. o Senhor D. Fernando recebia exaggerada dotação. E o que recebia já nós demonstrámos como o dispndia em beneficio da sociedade e do paiz.

Encontrou o Senhor D. Fernando na esposa o verdadeiro thesouro de que nos falla a Bíblia, quando descreve a mulher, no famoso livro dos Proverbios com as seguintes palavras: «*Mulierem fortem quis invéniet? procul, et de ultimis finibus prætium ejus. Confidit in ea cor viri sui, et spóliis non indigebit. Reddet ei tonum et non malum, omnibus diébus vitæ suæ*». N'estas palavras está descripta toda a elevação da dignidade da mulher e toda a sublimidade e grandeza da familia.

Amava a Senhora D. Maria II o esposo com excessos de affecto, correspondia-lhe o esposo com extremos de agradecido.

Respeitava elle a esposa como mulher digna, admirava-a como Rainha energica. Nunca o affecto mingou nos reaes consortes, mas augmentou-o a confiança e radicou-o a convivencia. Tal admiração conservou sempre o Senhor D. Fernando pela virtuosa esposa que determinou escrever a biographia d'esta tão notavel Princeza. N'este precioso trabalho, que infelizmente ficou incompleto, exaltava o Senhor D. Fernando os altos dotes da Senhora D. Maria II, quer como esposa dedicada, quer como Soberana discreta.

Estabeleceu-se tal accordo e tão completo para a obra prima da vida domestica, a educação dos filhos, tão ajustado era o pensar sobre assumpto tão importante, que nas resoluções sobre o proposito jamais houve discrepancia. Adivinhavam-se os dois corações ao mesmo tempo que no pensar se ligavam os dois espiritos. Escolheram uma piedosa dama para vellar por suas filhas e filhos. Chamava-se D. Maria de Vasconcellos, senhora da mais sincera piedade e da mais sublime discrição e prudencia, qualidades que herdara de seus virtuosos pae e mãe, os marqueses de Castello Melhor. Desempenhou ella bem o encargo, com geral applauso.

Abençoou a Providencia este consorcio com o nascimento de basta prole.

Quiz a Senhora D. Maria II ser a primeira mestra de escripta e leitura de seus filhos; quiz o Senhor D. Fernando acompanhá-la nos misteres do ensino, leccionando elle nos preliminares do desenho aos jovens Principes. Cresciam os filhos em annos e, quando as tenras plantas iam medrando, cresciam nos paes os cuidados da intellectual cultura. Chamaram-se então abalisados mestres para variadas disciplinas, disvellando-se os paes não sómente na busca de eruditos, mas na escolha de exemplares caracteres. Não se esquecia o Senhor D. Fernando do recato com que fôra creado e da vigilancia com que fôra acompanhado. Honrou-me uma vez este excelso principe contando-me promenores da sua infancia e da sua muito bem dirigida educação.

Não se esquecera tambem a Senhora D. Maria II da sua Dama que dirigira a sua educação, a notavel matrona portugueza D. Leonor da Camara, depois marquez de Ponta Delgada, que atravessára os mares e afrontára perigos para ir tomar conta da educação da joven Rainha então no exilio e com bem poucas esperanças de recuperar a perdida corôa. Não esquecera tambem a Senhora D. Maria II os notaveis professores que, sob a judiciosa direcção de D. Leonor da Camara, dirigiram a sua educação litteraria.

Não admira, pois, que os reaes esposos, preparados com tão fina educação, procurassem transmittir-a aos seus filhos, e assim o realisaram escolhendo professores dotados do mais subido merito como eruditos e dotados da mais sã moral como cavalheiros. Sobresae entre todos o conselheiro Viale, o grande sabio, illustre academico, tão notavel pela sua erudição vastissima como pelas suas virtudes e sincera piedade. O sabio mathematico Folque, o notavel grammatico e poeta Bastos, poeta latino, traductor e annotador do conciso Persio e do mordaz Juvenal, auctor de um celebre poema sobre as estações que, apesar de não imitar o melodioso Thompson nem o agradavel Saint Lambert, tem bastante merecimento no seu trabalho e certa originalidade nas suas descripções. Estes e outros foram escolhidos para a educação dos jovens Principes.

A escolha do conde da Carreira para aio de Suas Altezas e director superior da sua educação foi, por assim dizer, o chefe de obra ou; o que é o mesmo, a obra prima em tão sublime empenho e momentoso proposito. O conde da Carreira, distincto fidalgo de raça e mais fidalgo ainda pelas acções generosas que valem mais do que todo o mais nobre sangue desacompanhado de merito, fora habil diplomatico e tambem fora militar distincto; servira a causa liberal com excessivo zelo, carregado de serviços valiosos e ornado das mais elevadas prendas acompanhadas e realçadas pela larga experiencia dos negocios publicos: este homem era sem duvida o mais proprio e o mais adequado para o importante, difficil e honroso encargo de director superior da educação dos Principes. Correspondeu elle á missão com sabedoria e reganho.

D'este consorcio do Senhor D. Fernando II com a Senhora D. Maria II nasceram dois Reis, que bem mostraram ambos o quanto aproveitaram da fina educação que receberam. Um falleceu rodeado das benções do povo e do applauso da Europa; o outro vive e Deus o conserve incolume e defendido de todo o mal, para bem fazer aos povos que rege e á patria a que pertence.

São os votos que forma a minha dedicação provada e o meu affecto reconhecido.

Ao Egregio Principe, deante do qual tenho a honra de fallar, Principe descendente de tantos Reis e herdeiro de tantas glorias, que a Providencia o preserve de todos os perigos, o livre de todos

differentes. Estes tres governos dominaram o mundo. O primeiro no Oriente; ali o homem perde-se no seio da sociedade, a sociedade no seio de Deus. O segundo nasceu no seio da Grecia; e ali rompe-se a unidade terrivel do Oriente, ali o homem é cidadão e ali entoa hymnos á sua emancipação conseguida e á liberdade conquistada. Veiu depois Roma, a sua vida foi um combate entre o principio absorvente das sociedades asiaticas e o individualismo da sociedade grega, entre os tribunos e os patricios, entre o senado e o povo.

O Oriente foi um sepulchro, a Grecia foi um festim, Roma, um campo de batalha. Sobre esse campo de batalha não levantou seu throno a victoria, mas apenas a morte ergueu os seus tropheus. A espada de Mario poudé vingar os tribunos, a espada de Sylla poudé vingar os patricios, porém nem a primeira poudé dar vida ao povo nem esta fortalecer o Senado. A republica era um cadaver.

Durante o imperio não combatem nem dominam principios. Roma era uma casa de prostituição ao serviço dos Imperadores. E como toda a sociedade que se não governa por principios, não tem elementos de organização, perece, Roma pereceu.

Quem subiu então ao Capitolio abandonado para regenerar o mundo? Uma raça que veiu do norte e uma religião que baixou do céu.

E aqui terminou o periodo da civilização antiga para começar o periodo da civilização moderna. Do seu seio nasceu o governo representativo, que se generalizou na Europa; e distancia-se esta forma de governo dos governos das sociedades antigas que apontámos e a que nos referimos, porque respeita e defende a individualidade humana sem despedaçar o vinculo social e d'esta arte a classificação dos governos, segundo as suas formas, é uma classificação esteril, em quanto que a classificação segundo as suas tendencias é uma classificação philosophica e fecunda. A missão do governo representativo foi a de resolver o problema que o mundo oriental, o mundo grego e o mundo romano não poderam resolver.

Este problema, repito, consiste em respeitar a individualidade humana sem que os alicerces da sociedade vacillem e em conservar a sociedade sem algemar a individualidade; em uma palavra, consiste em encontrar a lei que ha de converter em unidade fecunda o dualismo incoherente da lei do individuo e da lei da associação.

Accrescentaremos, pois, que sendo a liberdade do individuo no sentido absoluto um elemento dissolvente da sociedade, a sociedade, para defender-se do principio que a invade, reúne todas as suas forças parciaes que constituem a força publica, o seu depositario é o governo, cuja missão é conservar a sociedade por meio de uma resistencia constante a todas as liberdades invasoras, que podem converter-se em anarchia perigosa ou em tyrannia declarada.

O que nos mostra, pois, a experiencia dos seculos e a historia do mundo é, que as sociedades a cuja testa se encontram os mais precatados e os mais intelligentes, atravessam grandes crises e escapam a grandes convulsões. Uma sociedade, á qual os prudentes abandonam ou da qual os intelligentes desaparecem, é uma sociedade condemnada ou ao marasmo completo ou á decomposição total.

E se queremos verificar o nosso asserto, lancemos um rapido golpe de vista sobre a Grecia na epocha das suas glorias, e responda-nos a philosophia da historia sobre as causas da sua decadencia; e se passamos á epocha de Carlos Magno, interroguemos os seculos sobre o estado de confusão que precedeu este glorioso reinado e sobre a mudança do mundo á voz sublime d'aquelle heroe famoso.

Qual foi, pois, o espectáculo que nos offereceu a Grecia dominada pela philosophia?

Um espectáculo unico nos annaes da humanidade.

Um espectáculo de um povo ao qual sobram louros para com elles tecer as mais esplendidas coroas.

Cingem corôas os vencedores em Platéa, em Marathon e em Salamina. Louros pertencem a Herodoto, quando nos jogos olympicos é tão grande como Jupiter, improvisando a Minerva, porque, cantando os seus combates, improvisa a historia. Louros lhe dão o fundador da Academia e o fundador do Lyceu, quando em seu vôo sublime percorrem o horisonte da intelligencia humana e quando, obedecendo á sua voz, se faz tambem Atheniense o genio da philosophia.

Louros lhe dão os que inspirados pelos deuses, animando os marmores e a tela, obrigam o genio das artes a que habite o Parthenon e que abandone o Olympo.

E como se lhe faltasse ainda uma bella flôr para a sua esplendida corôa, nasce Demosthenes e com elle invade a praça publica magestoso e sublime o genio augusto da Tribuna

Este foi o ultimo e o mais illustre de todos os cidadãos.

Um novo espectáculo se offerece aos nossos olhos.

Os historiadores, os philosophos e os artistas desaparecem e com elles os guerreiros e os oradores tambem. A Grecia transforma-se em orfã, porque a intelligencia d'ella se affugentou. A Grecia arrasta os crepes da viuvez, porque a abandonou a antiga gloria. Seccam-se-lhe os louros, porque jazem no sepulchro todos os seus grandes cidadãos.

A Grecia desalenta-se e desfallece, porque, para consolal-a em sua orphandade, só tem á sua beira

aquelles que apparecem sempre para conduzir ao sepulchro os povos agonisantes, quando a intelligencia os abandona e quando a Providencia os condemna.

Fallámos da Grecia em curto summario. Em poucas palavras digamos o a que nos referimos sobre a epocha de Carlos Magno.

Quando este heroe appareceu no mundo e se assentou no throno, o throno era um nome e o mundo era um chaos e elle converteu aquelle nome em um poder e, subjugando o mundo com a sua vasta intelligencia, arrojou ao seu seio o germen da reorganisação social.

O Christianismo, para imprimir nas sociedades o sello da sua acção civilisadora, carecia de uma espada; Carlos Magno, para constituir a sociedade, carecia de uma ideia.

Quando, pois, o genio do Christianismo e o genio de Carlos Magno se encontraram no Capitolio, Carlos Magno achou-se de pôsse de uma ideia e o Christianismo de posse da sua espada.

Quando a intelligencia, e isto nos diz a historia, se abriga no seio de um homem, todos os homens o seguem; quando a intelligencia o abandona, o seu poder ephemero passa. Quando a intelligencia se apodera de uma sociedade, a espada d'essa sociedade alcança os pólos e submete as nações. Quando a intelligencia desaparece, essa sociedade morre.

Emquanto Napoleão representou a intelligencia da França, os Principes o acatarem; os povos lhe obedeceram, emquanto encheu o mundo com os resplendores da sua gloria.

Foi um astro sem eclipse, foi vencedor e foi Rei. Quando deixou de ser o homem da França, foi o homem de Waterloo e de Santa Helena, porque só a intelligencia é o poder, só a intelligencia é o direito, só a intelligencia é a vida.

Mas o nosso paiz não é hoje um paiz guerreiro, foi em tempos que passaram, e então alcançou glorias immorredouras e tropheus gloriosos. As epochas de conquista passaram e não se governa com a espada, embora brilhante que fere, mas com a prudencia e com o precate que salva. Mostrei, em ordem a corroborar os meus argumentos, como as sociedades antigas se transformaram. Seriam loucura hoje certos emprehndimentos que tanta fama espalharam do nosso valor nos tempos que foram, mas que, intentados hoje, demonstrariam imperdoavel insania.

Conhecia o Senhor D. Fernando estas verdades, porque era versado na historia e porque era verdadeiro philosopho politico; e por isso durante as suas regencias demonstrou sempre em todos os seus passos a mais consummada prudencia acompanhada de fino tacto e admiravel tino. Houve um acontecimento na sua vida politica que veio patentear a todas as luzes até que ponto e tão subido amava esta nação.

Não trocava esta patria por outra, tanto era e tão entranhado o seu affecto por o seu querido Portugal. Honra eterna a quem a tudo antepoz o amor da patria. D. Fernando pelas suas obras provou a sua altissima intelligencia, por obras demonstrou a magnanimidade do seu coração, por obras provou o seu amor ao povo e á patria, o seu respeito ao dever e á justiça.

Res non verba, actos bons e não palavras vãs. Eis o que encontramos na vida d'El-Rei D. Fernando, e ainda que, como deixei ponderado, teve emulos, teve inimigos, não temo que saia um sequer a desmentir-me.

São as obras os melhores pregoeiros da virtude dos sujeitos, pois que a verdadeira rhetorica do sol são os seus raios. A lingua com que o fogo nos falla é o seu calor, a musica das perolas a sua candura, a voz do ouro os seus quilates e o verdadeiro cantico das estrellas o seu brilhantismo.

Temos percorrido as differentes phazes da vida do nosso illustre e augustissimo Presidente o Senhor Rei D. Fernando, tendo-o, como promettemos, avaliado debaixo de tres aspectos, — como artista e protector dos artistas e dos operarios, como chefe de familia e como Rei Regente d'estes nossos reinos. Vamos, pois, chegando ao termo para junto de um tumulto espalhar flôres de saúde e derramar lagrimas de dôr; mas não ponhamos prematuro remate á nossa obra de gratidão e affecto sem commemorarmos a coragem verdadeiramente christã e o animo verdadeiramente valoroso com que o amado Principe supportou os tormentos dolorosos da molestia fatal e terrivel.

Como poderemos formar idéa de tão acerbo soffrimento, que tanto fez soffrer a todos os amigos dedicados?

Algun de nós terá talvez acompanhado já algum amigo na lenta agonia de uma molestia dolorosa.

E' como uma batalha aonde tantos accidentes se succedem e aonde ou a esperanza nos sorri ou a morte nos ameaça.

Em doenças taes que alternativas de esperanza, que repetidas crises de desalento!

Improvissamos uma primavera de flores que nos alegra para encontrarmos um outomno em que as arvores se despovoam de flores, como do nosso coração se ausentam as esperanças!

Fagueiro porvir que phantasiavamos! Triste realidade que nos feriu e nos mata!

Terrivel desenlace que tem por epilogo um tumulto, e por remate um epitaphio!

Não se apagará no nosso espirito a lembrança das grandes virtudes do nosso Presidente como ao nosso coração não abandonará a saudade pela sua perda.

Longe de nós paira o seu espirito, mas em nós permanece a sua memoria.

Olhemos para esse céu que no maior dos seus planetas nos está debuxando n'esta ausencia os excessos do nosso rendimento. Disse o poeta Apuleo: «*Luna solis æmula noctis decus... quanto magis abiit a sole tanto largius illuminatur*. «Vede esse sol, diz elle, quanto mais da lua se aparta, melhor a illustra. Por isso certo auctor pintou a lua que em distancia grande do sol estava participando com mais liberalidade de seu resplendor; repetindo aquelle conceito do immortal Ovidio: «*Jam sum tibi charior absens*»; pois que d'elle embora mais afastados, não seremos por isso menos favorecidos.

Pois que estamos privados da sua vista, mais viva permanece em nós a saudade e com ella se nos avivam os seus exemplos.

SERENISSIMO SENHOR

ILLUSTRES CONSOCIOS:

Duas estatuas levantou a fama antigamente á memoria de Pompeo para eterna recordação de seus immortaes triumphos, uma em o Capitolio e a outra nos Pyrinéos, aquella sobre um altar, esta sobre um rochedo, aquella composta de metal precioso, esta formada de um tosco penhasco, aquella ornada toda de joias, esta coberta toda de musgo.

Plinio, como auctor d'esta historia, julgou que a dos Pyrineos tinha mais similhança com Pompeo do que a do Capitolio, por quanto, se a do Capitolio o representava como illustre cidadão, a dos Pyrineos o representava como generoso vencedor, pois a do Capitolio era venerada em um Templo e esta exposta em um monte.

Por minha parte, direi que, se tivéssemos de levantar uma estatua á memoria do Rei artista, que a não collocassemos em uma praça, circumdando-a dos incensos do estylo e das pompas da realleza.

Seria uma demonstração á realleza e eu prefiro uma demonstração de popular affecto ao homem e ao artista.

Que essa estatua se levante em um rochedo na Pena, aonde elle tantas vezes parou, olhando para o povo que o amava, para o povo a quem serviu, para os artistas que auxiliou, para os pobres que favoreceu. No meio do povo sincero e grato este monumento de popular gratidão ao artista, ao benemerito, ao philanthropo e ao patriota.

Exemplar brilhante da magistratura real!

Longe das invejas humanas, fóra do alcance dos tiros da iniquidade, repousa em paz, Augusto Principe, a quem as galas da realleza não enebriaram, a quem as lisonjas não illudiram, a quem as injustiças não desalentaram, porque, fiel á tua missão, o amor da patria foi a tua bussola, o cumprimento do dever a tua mira, o bem do povo o teu pharol, porque o fogo sagrado do amor da patria jámais se apagou em teu peito, porque na tua carreira te allumiou sempre o brilhante sol da justiça, brilhante sol sem occaso que, despontando fulgurante no horisonte dos estados, se prolonga magestoso em toda a extensão dos seculos.



BIBLIOGRAPHIA

São mui raras as publicações ácerca dos monumentos que pertencem a Portugal, além de incompletas nas suas apreciações, não apresentam precisos conhecimentos dos caracteres distinctivos de seus respectivos typos, nem dos estylos que os distinguem.

Era, sem duvida, uma lacuna assaz para lamentar, deixar-se no olvido essas importantes obras architectonicas de subido apreço para a historia da arte do nosso paiz, que servem de padrões do progresso da nossa civilização, de testemunhas perduraveis do fervor do culto christão dos portuguezes e de tropheus dos corajosos feitos praticados para as conquistas e independencia da nação.

Appareceu em 1843 um distincto escriptor archeologo, que, possuido do mais acrisolado patriotismo, tomou a peito divulgar e representar, por meio de illustrações, os edificios mais notaveis do reino; com seu talento superior e amena erudição, saiu a campo para revindicar os monumentos nacionaes, o valor do seu merecimento artistico, e a memoria dos factos que haviam originado a sua fundação.

Foi essa a primeira obra que n'este genero alcançou devido apreço, fazendo obter ao seu auctor merecidos louvores e fama.

Aos que são, como elle, dotados de sentimentos nobres, prezando com zelo o credito nacional, e que têm a convicção de prestar um valioso serviço á sua patria, nem as fadigas nem os sacrificios diminuem as forças de seu empreendimento. Elles sómente pretendem engrandecer o nome da Nação, e concorrer para que se aprecie com justiça o merecimento architectonico dos monumentos n'ella existentes.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa na sua excellente e nova publicação — *Os Monumentos de Portugal, historicos, artisticos ou archeologicos*¹ — desenvolveu com o máximo esmero as descrições architectonicas d'esses importantes edificios; não só recorda-nos a fundação historica d'elles, como também nos faz notar as suas bellezas artisticas e a comparação archeologica de suas construcções. É este livro um notavel monumento — que aprecia completamente os que existem em Portugal, com a proficiencia da superior illustração de seu auctor. Damos os emboras a este eximio campeão das nossas antiguidades.

Ousamos transcrever, de tão importante obra o final de um capitulo ácerca da igreja de S. Miguel de Guimarães, em que o sr. Vilhena Barbosa, nosso distincto consocio, dá publicidade a um pequeno

serviço que a associação dos architectos e archeologos, onde é mui digno presidente da secção archeologica, teve occasião de prestar, para que se restaurasse aquelle remoto edificio religioso de gloriosa recordação.

A REDACÇÃO.

A igreja de S. Miguel em Guimarães

(Vid. *Monumentos de Portugal* pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, pag. 108)

«... essa veneranda sentinella dos tempos, que tem visto passar junto de si tantas gerações; esse padrão dos fastos nacionaes, que zombou por muitos seculos do embate das tempestades, esteve ameaçado de desaparecer da face da terra, não obstante o seu incontestavel jus ao acatamento dos portuguezes.

Ainda não ha muitos annos estava aberto ao culto, e era uma das parochias de Guimarães. Porém a incuria de quem lhe cumpria velar pela sua conservação, deixou arruinar o telhado, a ponto de abater. Com mais alguns annos de abandono, desmoronar-se-hiam as paredes pouco a pouco; e em breve seria um montão de pedras derrocadas o templo em que o vencedor de Ourique, o strenuo campeão da fé, o heroico propugnador da independencia dos portuguezes recebeu, com a graça do baptismo, o nome que as suas façanhas tornaram glorioso e immortal!

Houve, felizmente, em Guimarães corações generosos e patrioticos, que se doeram da triste sorte do monumento, e que se propozeram a salvá-lo da destruição, livrando também a sua terra de uma grande vergonha, porque taes ruinas lhe seriam eterno desdouro.

Tomou a seu cargo a execução d'este pensamento uma benemerita comissão de que fizeram parte os srs. padre Antonio José Ferreira Caldas e J. Pinto de Queiroz, ao primeiro dos quaes se deve, se estou bem informado, a idéa inicial. Movida do louvavel empenho de proceder á reconstrucção do templo sem lhe alterar a architectura primitiva, a comissão consultou a real associação dos architectos e archeologos portuguezes. Esta associação, que tem prestado ás artes e ao paiz excellentes serviços, correspondeu benevolmente ao convite, nomeando logo uma comissão para estudar o assumpto e dar o seu parecer.

Para que ella se desempenhasse cabalmente d'este difficil encargo, offereceu-se um dos seus membros, o sr. conselheiro Feijó, para ir examinar o monumento. O distincto engenheiro foi com effeito a Guimarães, e, em resultado do exame consciencioso a que procedeu, redigiu o parecer da comissão

¹ Obra in-grande 8.º de 500 pag., illustrada de 26 primorosas estampas, e com o retrato do erudito auctor.

com tanto acerto e conhecimento da arte, que foi approvedo pelos outros membros da commissão, e logo depois pela associação reunida em assembléa geral.

Seguindo-se pois as indicações apresentadas no

referido parecer, a igreja de S. Miguel do Castello foi reedificada e restaurada, conservando a sua antiga simplicidade e pureza de estylo, exemplo muito raro nas reconstrucções dos edificios antigos, a que se tem procedido n'este reino.»

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, veiu de proposito de Cascaes a Lisboa no dia 24 de outubro para presidir á sessão solemne da nossa Associação, o que demonstra mais uma vez quanto S. A. deseja proteger e dar consideração aos estudos archeologicos augmentando o credito da nossa Associação. Tão alta mercê nos torna mais reconhecidos e perseverantes.

O Eminentissimo Patriarcha dignou-se annuir ao empenho que a nossa Real Associação lhe manifestou para se crear um *Curso de archeologia religiosa no Seminario de Santarem*, havendo Sua Eminencia estabelecido, na recente reforma d'este Seminario, uma cadeira para esse ensino.

Não são menos illustrados os Prelados portuguezes que os dos outros paizes mais cultos; e é de esperar que o ensino da sciencia archeologica, tomará o preciso desenvolvimento, de que tanto carecia, para o progresso da nossa civilisação.

Sob proposta do nosso digno presidente o sr. Posidonio da Silva, na ultima assembléa geral, foi approvedo por aclamação se conferisse uma medalha de prata ao nosso distincto socio honorario Mr. Emile Cartailhac, attendendo a que este distinctissimo archeologo francez acaba de publicar uma obra do maximo interesse scientifico, que tem por titulo — *Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*.

Daremos, no proximo *Boletim*, desenvolvida noticia de tão importante publicação, não só em referencia aos estudos archeologicos como mui principalmente para se apreciar o que existe d'essas antiguidades em Portugal. Considerámo-la a mais util e completa obra que sobre os descobrimentos prehistoricos da peninsula tem vindo a lume. O illustrado auctor é bastante conhecido pelo seu saber e subida intelligencia n'estes estudos, e por isso a sua publicação com 500 gravuras se recommenda aos archeologos de todos os paizes; entre os quaes, serão os portuguezes os mais reconhecidos por Mr. Cartailhac divulgar com tanto criterio e mestria os preciosos vestigios que o nosso paiz possui de tão remotas idades.

NOTICIARIO

Parte dos operarios italianos formaram uma associação cooperativa, que dispensa os empreiteiros.

Já teem construidos varios trabalhos publicos e concorrem ás arrematações para as obras.

A sua organização faz lembrar as companhias dos pedreiros-livres, que percorriam a Europa na idade média, para construirem as cathedraes e as pontes.

Estes operarios apresentam-se com todo o seu material e acompanhados de medico, pharmaceutico, cosinheiros e sapateiros. O governo concede-lhes passagem nos caminhos de ferro a preços reduzidos.

A associação é dirigida por um conselho eleito, que julga tambem das contendas entre os associados.

Quando os trabalhos ficam concluidos, dividem, entre si, a receita que existe em cofre, depois de tirarem uma parte para o fundo de reserva, e para a pensão dos aposentados.

No Havre de Grace, França, o syndico de industria das obras da cidade fundou um museu de productos nacionaes, e materiaes para construcções.

A associação dos architectos portuguezes tambem creou, em 1869, um museu com amostras dos diferentes materiaes que ha no reino, tanto naturaes como formados pela industria, apresentando a procedencia, o preço d'elles e o frete de conducção á capital. Não foi preciso esperar pelo exemplo extranho para se organizar este util museu nacional.

Está provado o inconveniente da silicatisação das pedras das construcções dos edificios, e para evital-o propoz o acreditado chimico Mr. Kessler, ser essa operação feita pela *fluosilicatisação*, isto é: que em vez de introduzir nos póros da superficie da pedra que se deseja conservar sem alteração, um silicato de soda ou de potassa, emprega-se um *fluosilicato terroso ou metallico*, cujas combinações com a cal são insolveis.

O termo *fluatada* acceite, para esta applicação, tem dado os melhores resultados. Todas as fachadas do novo edificio do correio geral de Paris foram fluatadas.

Foi descoberta uma cidade que teria sido habitada por uma colonia romana no departamento de Dordogne, França. Calcula-se que estas antiguidades devem occupar um extenso espaço que não será menos de dez hectares. As escavações continuam para esses vestigios ficarem patentes. Os paizes cultos não desprezam tão interessantes descobertas archeologicas.

Nas escavações que se estão fazendo em Tunis, no local em que existiu Carthago, já se descobriram 800 metros de um aqueducto que servia de alimento ás cisternas d'essa remota cidade. Ha idéa de restaurar essa monumental construcção.